

RELAÇÃO
DAS FESTAS QUE SE FIZERAM EM
PERNAMBUCO

PELA FELIZ ACCLAMAÇÃO
DO MUI ALTO, E PODEROSO REY DE PORTUGAL

D. JOSEPH I.
NOSSO SENHOR

do anno d. 1751. para o de 1752.

sendo Governador, e Capitão General destas Capitánias

O ILLUSTRIS. E EXCELLENTIS. SENHOR

LUIZ JOSEPH
CORREA DE SA

do Conselho de Sua Magestade, &c.

Por FILIPPE NERI CORREA

Official mayor da Secretaria do Governo, e Secretario particular do mesmo Illustrissimo, e Excellentissimo

Senhor Governador.



LISBOA,

Na Officina de MANOEL SOARES.

Anno de MDCCLIII.

Com todas as licenças necessárias.

Esta lista

1875

RELAÇÃO
 DAS FESTAS QUE SE FIZERAM EM
 PERNAMBUCO
 PELA FEIJA ACCLAMADA
 DO MUITO FODEROSO RY DE PORTUGAL
 D. JOSEPH I.
 NOSSO SENHOR

do anno de 1771
 sendo Governador, e Capitão General desta Capitania
 O HESPERIO FERREIRA
 LUIZ JOSEPH
 CORREIA DE SA
 do Conselho de S. M.
 Por ALPHONSE FERREIRA
 Official mayor da Cidade de Pernambuco, e do termo
 pertencente ao termo de S. Paulo, e S. Francisco
 Senhor das Escrivas



LISBOA
 Na Officina de MANOEL SOARES
 Anno de 1771
 Com licença de S. M.



RELAÇÃO
DAS FESTAS QUE SE FIZERAM EM
PERNAMBUCO

Estalido

PELA FELIZ ACCLAMAÇÃO

do muito alto, e Poderoso Rey de Portugal

D. JOSEPH I.

NOSSO SENHOR

do anno de 1751. para o de 1752.

DETERMINANDO o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor General dar principio ás precisas, e inexcusaveis demonstrações do seu alvoroço, na sempre feliz acclamação do nosso Augustissimo Monarca o Senhor D. Joseph I., e desejando que

chegassem ao Ceo as nossas rogativas antes que na terra se ouvissem vivas, e acclamações, perferindo os actos de piedade aos de alegria escreveo logo aos Prelados das Religioens desta Praça do Reyno, e Cidade de Olinda, para que estes com seus Religiosos fizessem preces, e oraçoens a Deos pela vida, augmento, e progressos de Sua Magestade derigindo os passos deste glorioso empenho com tão acertada ordem, como bem o manifestaõ as suas diferetas, e judiciosas cartas, que fielmente vaõ copiadas neste lugar para mayor clareza desta narraçaõ.

C A R T A

para o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo de Pernambuco D. Luiz de Santa Theresa.

PArécendo-me justo que depois de darmos graças a Deos pela merce de nos deixar ver Coroado hum Rey, que desempenha as obrigaçoens do seu nome no cuidado com que procura o augmento dos seus vassallos, não só na generosa equidade com que destribue os premios, mas na recti-
daõ

dão com que quer se administre a Justiça, determinei que na mesma noite do dia 6. de Junho, (em que Vossa Excellencia dispõe na sua Cathedral o *Te Deum laudamus*) com aviso das Camaras da Cidade de Olinda, e Villa do Recife mostrassem os moradores de huma, e outra Povoação o seu justissimo alvoroço com tres noites successivas de luminarias; e suposto que aos Prelatos das Religioens escrevo, e pedindo-lhe roguem a Deos, e as suas Comunidades pela vida do nosso Soberano, e felicidades do seu Reynado, a Vossa Excellencia pesso queira intimar-lhes, que concorraõ tambem para as publicas demonstraçoens de tão justificado contentamento, &c.

C A R T A

circular para os Prelados das Religioens.

Querendo dar principio ás justas demonstraçoens do nosso alvoroço pela Coroação do Augustissimo Monarca El-Rey D. Joseph I. nosso Senhor pareceo-me que fosse este no dia dos seus felices annos, por ser o seu nascimento a origem das felicidades, e augmentos de Portu-

gal , e das suas conquistas , antes pronosticadas no seu prodigioso, e incomparavel nome, e ja praticadas no seu magnifico , e Real animo , e como para pôr em execuçaõ o publico contentamento desta Cidade , e Villa avisei a huma , e outra Camara para determinarem tres noites successivas de luminarias , sendo a primeira no dia 6. de Junho , não quiz deixar de fazer aviso a Vossa Reverendissima esperando que nas suas oraçoens , e de todos os Religiosos seus subditos , peçãõ a Deos nos dilate na preciosa vida do nosso Soberano, o gosto com que a gora applaudimos a sua ditola Coroaçaõ , &c.

C A R T A

para a Camara da Cidade de Olinda.

SEndo razaõ que os vassallos desta Capitania se empenhem nas demonstraçoens do alvorço pela feliz acclamaçaõ do nosso Augustissimo Monarca , he justo que o principio do obsequio , seja o louvor a quem nos quiz dar hum Rey , que cuida em fazer felices os seus vassallos , e opulentos os seus Dominios , por esta causa tem o Excellentissimo,

mo, e Reverendissimo Senhor Bispo determinado, que no dia 6. de Junho (que he o em que com a sua Real pessoa nasceo a Portugal, e ás suas Conquistas a fortuna que hoje logramos todos) se cante de tarde na Sé o *Te Deum laudamus* a cujo acto devem vv. mm. assistir em corpo de Camara, no lugar destinado em funcões semelhantes, e a noite deste dia, ha de ser o primeiro de luminarias, que se continuarão até o dia oito, as quaes devem vv. mm. publicar na fórma do costume, e com a anticipação que julgarem precisa, &c.

C A R T A

para a Camara da Villa do Recife.

PAra que os moradores desta Villa fação publica ostentação do gosto que lhe resulta da feliz Coroação do nosso Soberano, devem vv. mm. primeiro declarar na fórma do costume (com a anticipação que julgarem conveniente) a obrigação que têm todos de concorrer para tão justo applauso, com tres noites successivas de luminarias, sendo a primeira no dia 6. de Junho, que he o que pareceo mais proprio para principio do

alvorço , por ser o em que fazemos ditosa recordação do seu Augusto nascimento , &c.

O mesmo aviso fez Sua Excellencia aos Officiaes de todas as Camaras de sua jurisdicção, e lhe ordenou, q̄ além das tres noites de successivas luminarias (que haviaõ principiar em o dito dia 6. de Junho) pedissem aos Parrochos das suas Freguesias (muito de mercê) quizessem concorrer (pelo que lhe tocava) para taõ justificado obsequio , encarregando-lhe tambem, fizessem a mesma supplica aos Prelados dos Conventos nas Villas aonde os havia , e aos Commandantes das Fortalezas da guarnição da marinha do seu Governo (como mais intereçados nos cultos das Magestades) mandou , que em cada huma das ditas tres noites de luminarias (para que tambem foraõ avisados) dêssem tres salvas de artilharia de hora em hora, q̄ principiariaõ ás sete, sem q̄ por esta ordem alterassem a que tem de dar huma ao meyo dia em todos aquelles em que fazem annos as pessoas Reaes.

Declinada a acção , e distribuidas que foraõ as ordens nõ Domingo em que a Igreja celebrou a Festa da Santissima Trindade, que se contavaõ 6. do mez de Junho de 1751. (dia fausto para Portugal , por ser o em que o nos-

fo

so inclito Soberano cumpria seus prosperos, e festejados annos, e o em que todos principiavaõ ja a dar signais dos jubilos de alegria em que ardiaõ seus inflamados coraçõens, deixando-se-lhes bem conhecer a cada hum no alvo-roço, a efficacia do seu contentamento) marcharaõ os dous Regimentos da Villa do Recife, e Cidade de Olinda para o terreiro da Cathedral da mesma Cidade com taõ magestoso apparatus, desembaraço, e militar disciplina, como sempre o souberaõ praticar estas tropas, tanto na paz, como na guerra, conduzindo muito para o fasto de taõ galhardo movimento a uniformidade do novo fardamento que Sua Excellencia lhe tinha destinado para dia de tanto gofio.

Formados em batalha, passáraõ Suas Excellencias para a Sé, aonde se achava o mais nobre, e luzido auditorio, que ha muitos tempos se tinha ajuntado nestas Capitancias, o qual se compunha da Camara da Cidade, Prelados das Religioens, Officiaes militares, Cidadoens, e de todos aquelles a quem o seu honrado nascimento fazia inseparaveis da assistencia de taõ gloriosa acção, sem que os longes das suas habitaçoens, nem o dilatado dos caminhos, lhe diminuísse o ardor com que esta porção de

vassallos (imitando a seus leaes progenitores) souberão distinguir-se na fidelidade, e obsequio de seus Soberanos.

Estava aquelle grande Templo magnificamente adornado, e curiosamente guarnecido das mais vistosas sedas, e ricos paramentos que permittia o paiz; no meyo do Cruzeiro se via hum como throno levantado coberto de singulares alcatifas, sobre o qual havia hum faldistorio em que Sua Excellencia Reverendissima rompeo o acto com hum admiravel, e doutissimo Sermaõ, tomando por tema aquellas palavras da Igreja,

Corona aurea super caput ejus expressa signon sanctitatis, glorie, & honoris.

Sobre que discorreo com grande energia, e erudição dividindo-o em tres discursos mostrando no primeiro, que só a Coroa do nosso novo Monarca era de ouro; porque só elle a fundava na santidade verdadeira sabedoria, á qual só se podia applicar o Texto: *Quoniam omne aurum in comperatione illius arena est exigua.* No segundo mostrou que por isso era a Coroa do nosso Monarca verdadeiramente de ouro; porque á gloria de seus preclaros ascendentes,

dentes, e ajuntava a gloria de governar os seus vassallos com piedade, e justiça como mostrou desde o primeiro dia de seu felicissimo governo. E no treceiro, que só na fantidade, e gloria de governar bem os seus povos, podião os Reys adquirir honra, e como a experiencia ja hia mostrando quanto a preço fazia o nosso Rey destas virtudes, justamente se podia dizer, que só a Coroa do nosso Augustissimo Monarca era de ouro, &c.

Concluhio ultimamente o discursão, entoando o *Te Deum laudamus*, a que com suaves harmonias, e agradavel melodia respondeu (e foi continuando o Hymno) a musica, que estava dividida em quatro bem concertados còros a quem regia, e fazia compaço o R. P. M. Antonio da Silva Alcantara, insigne compositor, e Mestre da Capella da mesma Sé, aonde ajuntou para esta funçaõ, os mais destros instrumentos, e as melhores vozes que havia em todo este continente, além dos Musicos do partido, tendo elle o mesmo que tinha composto aquella solta, de que teve (pelo bom gosto della) hum geral, e bem merecido applauso.

Dadas as graças ao Rey dos Reys pelo beneficio da felicidade deste alegre dia, acaba

bada a acção, e desfeito aquelle nobre con-
gresso, ao repicar dos fins deraõ os Soldados
tres descargas de mosquetaria, a que respon-
déraõ como em ecco as Fortalezas, formando
com linguas de fogo conceituosas expressoens
de marcial alegria.

Na noite daquelle dia principiáraõ as tres
de luminarias, até o dia oito, em que o Illus-
trissimo, e Excellentissimo Senhor General deu
a todos os Officiaes dos dous Regimentos (de
Capitaõ para cima) hum admiravel jantar,
abundante das mais exquisitas iguarias, e de-
licados manjares, que pôde descobrir o gos-
to, em hum paiz aonde não alcançaõ os mi-
mos da Corte, nem as deliciosas frutas da Eu-
ropa.

Acabou-se finalmente este festival, e lu-
minoso triduo com hum bom sarao, em que
o capricho, destresa, e galantaria, fizeraõ os
principaes papeis.

Pastados alguns dias se entrou na ma-
nufactura de hum sumptuoso tablado, ou edi-
ficio, em que se haviaõ representar tres co-
medias que Sua Excellencia ordenou se pozes-
sem logo promptas, cuja diligencia encarre-
gou ao grande curioso Francisco de Sales Silva,
o que elle soube bem desempenhar, não só em

pôr habeis as pessoas que haviaõ entrar, mas em compor para ellas, discretas loas, e engraçados bailes.

Por conta de Miguel Alvares Teixeira (curioso militar da artilharia) correo a estrutura do tablado, e pinturas, de que deu taõ boa conta, que não poderãõ ja os professores da Architectura civil fallar nelle sem respeito, nem os pintõres de prespectiva sem espanto.

Armou-se o tablado defronte das janelas de Palacio, que como da parte que olha para o Recife correm dos lados duas galerias, ficou formando huma grande, e bem defaço-gada platéa.

Tinha a fachada daquelle bem delineado edificio 50. palmos de altura, e 60. de largo, e de boca do arco grande (que era como os mais de volta abatida) 24. de alto, e 32. de largo, e o fundo em que trabalhavaõ os bastidores 37. e da corrediça grande até a boca do arco sete palmos, e da boca do arco para fóra onze, excepto o grande vaõ, que servia de vestuario. Por cima da cornija principal corria huma varanda de balaústes á Romana, alternados com suas quartellas, com vasos de flores nos extremos, e no meyo hum pedestal, sobre que defaçoavaõ as armas Reaes

Por

Portuguezas fabricadas em vulto, como a mais obra da varanda, arrematava o tecto pela parte exterior, huma boa tarja tecida de instrumentos Militares, e nos cantos, com duas esferas, os claros da frontaria erao pintados de pedra cor de rosa anodoada de branco, os balaustes de encarnado mais purpureo, os pés direitos, cornija, pedestal, quartellas, e os arcos fihos de pedra verde, e da mesma cor era tambem pintada a corrediça que arrematava esta primeira scena, nella se viao as armas de Sua Excellencia em cima de huma peanha, que estava debaixo de huma bem fingida, e curiosa cupula, que carregava sobre quatro columnas encatnadas de ordem corinthia. Fechava a boca do tablado hũa grande cortina branca semeada de flores, e a *occhiesta* que era obra de volta, servia de base a este admiravel frontespicio.

Compunha-se o theatro de tres vistosas scenas, huma firme, e duas volantes, com cinco ordens de agradaveis, e delisiosas vistas; a primeira que era de sala Real com soberbos, e levados porticos de estylo moderno, estava admiravelmente adornada de bofetes, espeelhos, quadros, e ricos cortinados de damasco carmezim guarnecidos de ouro, e no fim hum bem

bem lançado pavilhão do mesmo damasco, com forro azul, e seu remate como de talha dourada, tanto ao natural que ouve pessoas, que lhe custou a persuadir-se que era pintura. A segunda de columnatas de ordem Toscana, fingidas de pedra vermelha; e a sentadas com tal arte, que feridas com os reflexos das luzes, fazia hum tão agradável enlêyo, que se não podia bem perceber, se aquella vista continuava por todo o comprimento da casa pelo grande fundo que representava, e o que fazia parecer ainda mayor a extençaõ, era porque a mesma obra que mostravaõ os baldios, continuava na corredeja do fim, que arrematava em hum pequeno arco por onde se descobriam huns imperceptiveis orlõtes. Duas das vistas ambas eraõ de jardim, mas com a differença de ser hum sechado, e outro aberto, no primeiro, se divizavaõ por entre as grades diferentes, e peregrinas castas de flores, e no segundo, bem debuchados canteiros, que arrematavaõ no principio de hum ameno prado, regado de chrystallinas aguas, que fahiaõ de hum excelente chafariz; a quinta, e ultima que era composta de rudes arvoredos (em que o Author tanto se excede) ninguém se atrevia apartar os olhos della sem repugnancia.

Todos

Todos estes jogos de bastidores tinhaõ suas correções correspondentes que lhe serviaõ de fundo, e de divisaõ as Scenas.

Movia-se insensivelmente este artefacto por hum sarilho occulto, que parecia impraticavel á suavidade, e destreza com que em hum instante, e ao mesmo tempo, se occultava huma vista, e apparecia outra. O mesmo succedia com as luzes quando era preciso escurecer o tablado, porque com o mesmo repente com que se apagavaõ, se acendiaõ, sem haver mais demora, que a de levantar, ou abaixar huns pesos, a que estavaõ sujeitas as portas dos candieiros, que como estavaõ acentados de sorte que senaõ podiaõ ver os movimentos, fazia esta destreza huma grande confusaõ aos assistentes.

O tecto do tablado era de arcos de volta abatida como os da primeira Scena, e como estavaõ allentados em perspectiva, seguindo a mesma figura delle que hia em diminuiçaõ (segundo a regra) de qualquer lugar seguiaõ todos.

Compunhaõ-se estes de fastoens de flores desencontrado-se huns dos outros, de sorte, que nesta mesma desordem, estava a galantaria daquelle bem matifado pavilhaõ de Flora.

Era

Era o pavimento de hum agradavel xadrez verde escuro, claro, e mais claro, de mayor, a menor, que ajudado das meyas tintas, representava huma grande longetude.

O frontespicio estava cheyo de luzes occultas com que se deixava bem lograr a obra exterior d'elle, e ao mesmo tempo, a lumiavaõ insensivelmente a plateya.

Concluida a obra, enlayadas as comedias, cuidou logo Sua Excellencia no ornato das figuras, para o que escreveu á Camara do Recife a seguinte carta.

C A R T A

aos Officiaes da Camara do Recife.

Para que em toda a parte se conheça que esta Capitania de Pernambuco, assim como se a signalou sempre na defença dos dominios do seu Soberano, se distinguia no applauso da Coroação do seu Monarca, ordenei que depois de dar-mos com o *Te Deum* graças a D^{eu}s pelo merecê de nos dar hum Rey com tantas virtudes, que está prometendo encher ao seu Reyno, e conquistas, de felicidades se fizessem no pateo deste Palar-

cio

cio humas comedias como o permittir o estado da terra, e por que he justo que esse Senado concorra para o complemento desta festividade, ao menos com algum trabalho, visto que a falta de rendimentos em que se acha o impossibilita para outro genero de despeza, correrá por conta de vv. mm. vestirem as figuras que haõ de entrar nas ditas comedias, e bai- les, procurando para este fim o meyo que julgarem menos pesado a este povo, &c.

Em comprimento da referida carta se valeraõ os Camaristas das ordens regias encarregando aos officios mecanicos aquella diligencia, porẽm como alguns, mais por pobreza de animo, que de bens, entraraõ a fazer a feclados requerimentos, logo Sua Excellencia lhe diuino exonerando-os, para o que escreueo á Camara a seguinte carta.

C A R T A

para os Officiaes da Camara do Recife.

Como me consta que a mayor parte dos officiaes a quem vv. mm. obrigarão a concorrer para o ornato das figuras, ou por ambição, ou por necessidade se quei-
xaõ

xão huns, e se pertendem zentar outros, não
 bastando para lhe fazer voluntaria, e gostosa
 esta contribuição, nem a moderação com que
 vv. mm. a arbitraraõ, nem o motivo da festi-
 vidade, se me faz preciso dizer a vv. mm. que
 mandem logo chamar a todos os principaes dos
 officios, e lhe declarem, que por ordem mi-
 nha os defobrigaõ de toda a despeza, e traba-
 lho, e faraõ toda a diligencia para mandarem
 que se restitua outra vez a quem pertencer,
 qualquer parselá por mínima que seja que para
 este fim se tenha dado, e para que senão con-
 fundaõ as queixas, com os applausos, tenho
 tomado o acordo de encarregar este trabalho
 a pessoas, que cuidaõ ao mesmo tempo na sa-
 tisfação do meu empenho, e no crédito da sua
 patria, &c.

Logo que algumas pessoas souberaõ,
 que Sua Excellencia estava menos satisfeito da
 quella não esperada novidade, se vieraõ gos-
 tosamente offerecer, julgando cada hum por
 favor, a elleiçaõ que se fez no Capitaõ Nico-
 láo da Costa Leitaõ, que bem mostrou no de-
 sempenho a sinceridade do seu offerecimen-
 to.

He o procelloso Inverno taõ ingrato
 nesta Costa, que não permittio que se fizessem

as comedias fenaõ no anno de 1752, a primeira, que era *la ciencia de Reynar*; representou-se na noite do dia 14 de Fevereiro, a segunda *da Cueba, y Castillo de amor* na noite de 16. de a terceira; e ultima *la Piedra Philosophica* na de 18. do dito mez de Fevereiro de 1752.

Representaraõ-se finalmente com geral applauso, e admiracão, desempenhando os curiosos que entraraõ nellas, o acerto da eleição.

Omitto os primores em praticular, e o capricho com que foraõ executadas, por não alterar a ordem que levo.

Seria porém justamente arguido, se não fizesse aqui huma pequena ostentação do mais luzido, e magestoso espetáculo que podia lembrar ao gosto, que era ver (no principio de cada huma das comedias) abria aquella grande cortina que fechava a boca do tablado, adonde achavaõ os olhos tanto em que empregar-se, que se acabava de cantar o tono, e ainda a vista não ficava satisfeita, não sei se pelo muito que tinha em que occupar-se, se por que a suavidade das vozes, e harmonia dos instrumentos, lhe divertia as opperaçoens visuais.

Compunha-se aquelle bem debuchado, e lindo painel, de quatro córos de musica,

com

com trinta e tantas figuras ricamente adornadas, em que entravaõ quatro rabecoens, doze rabeças, duas trompas, e dous *abuaci*, e tudo o mais vozes, a que fazia compaço com toda agalhardia a primeira dama.

A solfa das comedias, era composta pelo mesmo Author da do *Te Deum*, e tão admiravel como sua.

O auditorio era o mais nobre, e o mais luzido destas Capitancias. O Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo, assistio só á primeira comedia; porque as suas indisposiçoens lhe naõ déraõ lugar de dilatar-se mais tempo na companhia do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor General, sem embargo da extremosa assistencia com que foi tratado aquelles dias.

Concluhio-se o festejo com tres successivas noites de fogo, e na ultima se despedio o R. P. M. Alcantara de Sua Excellencia com huma boa serenata.

Estas obsequiosas oblaçoens, e encarecidos signaes do contentamento, para que todos olhavaõ com respeito, e admiravaõ com pasmo, moveo de sorte os animos de todos, que nem ainda aquelles que se escusáraõ, deicharaõ de conhecer a falta em que os fez cahir a sua pusillanidade querendo-a imputar huns aos outros,

e os q̃o certo do estado, e o grave dos empregos,
 he não dava lugar a concorrer pessoalmente
 para este festiual empenho, não podendo sop-
 portar o fogo em que sentiaõ abrazar seus leais,
 e amantes coraçoes, romperão em metricos
 applausos, mostrando bem, que o fumo do in-
 fento não offusca o simulacro.

E para que os leitores modifiquem o in-
 efficaz com o suave elegi das obras que fahiraõ
 o seguinte.

SONETO ANONIMO.

DV Iva El-Rey Dom Joseph, e a sua idade
 Os seus vassallos vejaõ taõ crescida,
 Que aduraçãõ da sua augusta vida
 Chegue a igualar a mesma eternidade
 Que em nós tudo ha de ser felicidade
 No tempo em q̃ reinar, ninguem duviday
 Sendo neste Monarca conhecida
 A inclinaçãõ aos actos de piedade.
 Seraõ suas acçoens do mundo espanto
 Entre todos os Reys sera portento
 E de leais affectos doce encanto;
 Daõ-nos tantas virtudes fundamento
 A esperar que o seu Reyno creça tanto
 que o nome desempenhe, q̃ he Augmento.